

22/6/1936

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 36 — 22 DE JUNHO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Neste número: Um inquérito sensacional entre os artistas teatrais!



Chester Morris e Eddie Mack Kenna, o seu treinador de «box»



Uma velha? Não: Lionel Barrymore, no seu novo filme...



Noah Beery, 86 anos de idade, com sua filha Wallace e o seu nora



Robert Taylor e Janet Gaynor tomam chá, no intervalo de filmagens

Porque prefiro interpretar papéis de mulher casada

por MYRNA LOY

PREGUNTAM-ME, com frequência, porque razão, sendo eu solteira, prefiro interpretar, na tela, papéis de mulher casada. A resposta é muito simples, julgo que as mulheres casadas são, em geral, as mais felizes e as mais satisfeitas.

O casamento é o facto mais importante na vida duma mulher, de qualquer mulher. Tudo nela converge ou deve convergir para esse fim. Antes de se casar, não se revela.

O casamento, creio, dá a uma mulher o verdadeiro equilíbrio de tolerante compreensão. Converte-a num ser humano mais sedutor e numa pessoa muito mais interessante.

Tal é a razão pela qual eu gosto de interpretar papéis de esposa na tela. Relativamente ao tipo de esposa que prefiro, gosto do tipo da mulher alegre, mas não muito ousada, honesta, mas não formal.

Tenho tido a sorte de encarnar diversas variações deste tipo. A primeira foi no *Homem Sombra*, e, talvez, porque fôsse a primeira, foi sempre a minha favorita. Esse tipo foi uma combinação rara de esposa e camarada. Dashiell Hammett, que escreveu a história, e Albert Hackett e Frances Goodrich, que escreveram o argumento cinematográfico, seguramente compreendem as mulheres.

Outra rapariga alegre é a que interpretei em *Pellicot Fever*. Devia ser muito atractiva, também, porque Robert Montgomery tinha que se apaixonar por ela, e pedi-la em casamento. Este tipo

proporciona um papel muito interessante de representar.

Dois ou três tipos de esposas recentemente interpretados por mim obrigaram-me a esforçar-me um pouco mais. Refiro-me à interpretação da esposa de William Powell no filme *The Great Ziegfeld* e em *Wife's Secretary* com Clark Gable. Neste último, Jean Harlow é a mulher que me preocupa, e no primeiro, é Luise Rainer. Hollywood, poderão concluir, não se resume apenas em chá e biscoitos...

Mas, apesar dos fulgurantes papéis de fascinantes secretárias e grandes belezas, prefiro continuar a interpretar papéis de esposas, simples e camaradas. Talvez por ler na tela, maridos tão sedutores.

Robert Montgomery, por exemplo, é uma das pessoas mais espirituosas que conheço, o tipo de marido que nunca resmunga, pelo menos, por causa do café estar frio... Como marido cinematográfico e companheiro de trabalho, o seu bom humor é incomparável.

Clark Gable é um marido distraído. No filme, esquece-se de ir para casa à hora do jantar... Negócios, claro... Nos ensaios, é capaz de se esquecer das palavras exactas.

William Powell é um marido surpreendente. Está sempre a pensar na melhor forma de agitar a sua esposa — forma que geralmente não é aconselhável e causa muitos dissabores. Mas Powell é um marido bem intencionado e apesar de termos aparecido em dois filmes, como marido e mulher, somos ainda bons amigos...

UMA ANECDOTA DE MIRIAM HOPKINS

Miriam Hopkins contou, recentemente, uma história, que define o meio em que trabalha:

«Há pouco tempo — começou — disseram-me que ia interpretar um filme com Clark Gable.

«Nunca lhe havia sido apresentada, por muito estranho que vos pareça. Chamaram-nos ao estúdio, para fazermos algumas fotos publicitárias. Feitas as apresentações dos estilos, começámos a posar nas mais apaixonadas atitudes. «Transpirámos amor por todos os póros. Duas horas abraçados — ante um público de cerca de quarenta técnicos.

«Clark Gable, findo esse tempo, inclinou-se:

«— Encantado, por a ter conhecido.

«— Igualmente, Clark.

«O mais engraçado é que nunca nos voltámos a encontrar — e que o filme se não fez!.

Um segredo que vale milhões!

Segundo nos informam de Hollywood a Selznick International Pictures contratou os serviços de Joseph E. P. Dunn, ex-chefe do corpo da Polícia Federal de Los Angeles, afim deste manter um serviço de vigilância, de tal modo apertado, que nada transpire da realização dum filme, a iniciar dentro em breve, e no qual se vai inveter um capital de alguns milhões.

Os dirigentes do estúdio, técnicos e demais pessoal, deram a sua palavra de honra formal de que nada dirão, e foram estabelecidas penas rigorosíssimas, a começar na demissão e respectivo processo por prejuízos originados.

Só assim Dunn acedeu a tomar conta do seu posto.

DISNEY ganhou mais um prémio

A Academia de Artes e Ciências de Hollywood conferiu a Walter Disney um prémio de mérito pelo seu desenho colorido *Os três gatinhos*.

É interessante recordar que nos anos precedentes, Disney obteve sempre idêntica distinção:

Em 1932, com *Árvore e Flores*.

Em 1933, com *Os três Porquinhos*.

Em 1934, com *A Lebre e a Turlaruga*.

Em 1935, com *Os três Gatinhos*.

Mary Pickford ao ter conhecimento da sua nova distinção exclamou:

«Não me admiro! Disney é o maior artista que o cinema tem!.



Ruth Petterson faz o saúdoção fascista? Não! Limita-se a chorar as suas campanheiras, para o banho...

Definição concisa

Num concurso organizado por uma revista inglesa, na qual os leitores deviam caracterizar três estrelas, servindo-se duma frase curtíssima, o primeiro prémio foi atribuído à seguinte resposta:

Charlie Chaplin: Se os seus lábios pudessem falar!...

Mae West: Uma simples história de alcova...

Greta Garbo: a única.

Declarações de amor

Carole Lombard recebeu, num dia, trinta e cinco declarações de amor. Joan Crawford, ao espaço de tempo que medeou entre o seu divórcio de Doug e o casamento com Franchot reuniu para cima de 1.500 declarações de amor.

Mae West detém um record quasi igual.

A posição do crítico no mundo do cinema

A função de crítico é das mais espinhosas. Requer um sexto sentido para que seja exercida com brilho. Necessita, sobretudo, duma imparcialidade socrática. O crítico deve possuir uma maleabilidade de espírito que registre com precisão todas as subtilezas do ramo da actividade humana que critica, quer seja teatro, cinema, pintura ou escultura.

O crítico não deve, por outro lado, pousar ao impenetrável: isto é, isolar-se do ambiente que o rodeia, recalcar as sensações proporcionadas pelo que observa. Numa palavra, não se caricaturar na vida como aquele homenzinho que vimos há tempo na página alegre duma revista alemã: sério, de braços cruzados, face vincada, lábios comprimidos num rílis de indiferença, enquanto à sua volta todos riem e bandeiras despregadas com o que se passa na tela.

Excusado sublinhar que o crítico que julga cumprir assim a sua missão, saindo do que é humano, como rir ou chorar, atalha a sua função e torna-se num caso patológico.

Em Hollywood, Denham ou qualquer das metrópoles do cinema, a crítica é bastante unilateral. As empresas produtoras pesam financeiramente sobre os jornais e raros são aqueles que preferem arriscar os seus lucros publicitários a exercer verdadeira actividade crítica.

Limitam-se a elogiar. Diga-se, porém, de passagem, que hoje é tal a luta pela conquista dos mercados cinematográficos que as empresas esmeram-se nos filmes que produzem e não dão margem a que uma crítica, sem preocupações sociais, lhes bata muito.

Frisemos que são vulgares os filmes com duas e três «estrélas» ou galãs de primeira grandeza e que se estreiam produções de categoria em cinemas de segunda ordem!

De resto, há sempre compensações: se os protagonistas não são grande coisa, os cenários marcam; se os vestidos se apresentam inferiores, em troca temos lindas paisagens e se a estréla é

feia possui, em contra-partida, uma voz admirável. E, dentro deste regime, o crítico tem sempre que elogiar, se quiser...

Contudo, suscitam-se muitas vezes conflitos entre os artistas e os críticos. Há mesmo divergências profundas. Lionel Barrymore, por exemplo, filmava ao ar livre em Hollywood uma cena do seu novo filme «The Voice of Bugle Ann» e devia, segundo o papel que lhe fora distribuído, pronunciar um monólogo patético. Tratava-se duma filmagem definitiva e, por isso, Barrymore emprestou-lhe todo o seu talento artístico. Ao terminar, eis que se ouve ao longe o borregar de um carneiro. Comentário de Barrymore: «Garoto que há um crítico nestos paragens...».

Em troca, os críticos não pouparam os artistas. Sabe-se que Brown Miller, o curioso crónista cinematográfico, desfez a Greta Garbo. Assim, um grande quotidiano americano publicou há tempo a seguinte aventura, relatada pelo próprio Brown:

«Estava eu no Oriente quando, um dia, perfeitamente isolado do mundo e, sobretudo, do mundo do cinema, decidi dar um passeio às costas dum camêlo. E assim fiz. Após uma hora de percurso perguntei ao meu guia, que por sinal falava mal inglês, como se chamava o camêlo: «Greta Garbos», respondeu ele muito simplesmente...».

OPERADOR N.º 13



«A rapariga e o balão... Uma escultura viva, digna de figurar num Museu...



Jane Withers foi homenageada recentemente, na Fox, com um banquete, a que assistiram vários estrélas...

Dôr de dentes, providencial

A maioria das vedetas da tela, vêm do palco ou do «music-hall». Gail Goodson, porém, foi descoberta no consultório dum dentista.

O pai de Gail e o dr. Gale Goodson, dentista de Hollywood. Um dia, Eddie Cantor teve uma fortíssima dôr de dentes, e procurou-o.

— Ahra a boca, disse-lhe o médico. Eddie abriu, mas abriu mais os olhos, ainda, ao deparar a gentilíssima enfermeira.

Perdeu o tempo suficiente a convencê-la a tentar a sorte na tela.

E foi assim que Gail começou a figurar entre as Goldwyns Girls — e apareceu em *Strike me Pink*.

Os favoritos de Buenos Ayres

Segundo mostram as estatísticas, o público dos cinemas de Buenos Ayres fica indiferente ante Meê Vest, George Arliss e Katharine Hepburn.

Em compensação, Laurel & Hardy são os heróis locais.

Os nomes dêles, em chinês...

Os chineses traduzem fonicamente o nome das estrélas. Assim Mickey é chamado Meê Kan. Douglas Fairbanks, Van Barnk, ao passo que Douglas Júnior é Siao (pequeno) Van Barnk. Katharine Hepburn tornou-se Kar Shih Lin Poo Peeng Ng. Um pouco complicado, como vêem.

O nome do respeitável Ramsay MacDonald confunde-se na grafia com o nome de Jeannette Mac Donald.

Mais uma experiência matrimonial

Gloria Swanson acrescentou Herbert Marshall ao número das suas experiências. Andam sempre juntos e Herbert quasi abandonou sua mulher Edna Best, que é uma artista inglesa muito considerada. Há quem condene indignamente esta atitude de Marshall sabido é que pela segunda vez, aquele destrói a felicidade de Edna, que se divorciou do seu primeiro marido, para o desposar.



Spencer Tracy e Sylvia Sydney, numa cena de «Fury», o novo filme de Fritz Lang, ao qual o crítico americano tece os maiores elogios

BIOGRAFIAS CURTAS FRED ASTAIRE

Nasceu no dia 26 de Novembro, na cidade americana de Omaha (Nebraska).

Cédo, predestinado para os palcos, aos 8 anos aparecia já trabalhando com sua irmã Adela, ganhando duzentos dólares por semana.

Juntos compartilharam do êxito quando se apresentaram em Broadway, ainda muito novos, trabalhando em vaudeville. Daí passaram a interpretar comédias musicais. De Broadway foram para Londres, onde causaram sensação, tanto no teatro como nos altos círculos sociais.

Em 1931, Adela Astaire retirou-se do palco para contrair matrimônio com Lord Cavendish, da mais alta aristocracia inglesa. Fred Astaire, só, continuou a sua carreira, e obteve enorme êxito em Londres e Nova York como protagonista da comédia musical *The Gay Divorcee* («Alegre Divorciada»), peça teatral que foi um dos maiores êxitos. Em 1934, Fred Astaire casou com Phyllis Livingston Potter, rica herdeira americana.

Fred Astaire estreou-se no cinema na fita *O Turbilhão da dança*, na qual teve um pequeno papel, ao lado de Joan Crawford. Considerado o melhor bailarino do mundo, foi contratado para a fita *Voando para o Rio de Janeiro*, na qual lançou a encantadora atriz e agora excelente bailarina Ginger Rogers, que até então apenas havia interpretado pequenos papéis. Depois, Fred Astaire fez uma das primeiras figuras do seu grande êxito teatral, *A Alegre Divorciada*, em que as suas qualidades de comediante igualam as de consumado dançarino. A seguir interpretou *Roberta*, *Chapêl Alto*, e *Siga a Mulher*, sempre para a «RKO», com a qual tem um contrato por 7 anos.

Atualmente, Fred Astaire está interpretando *Never Gonna Dance*.

Astaire tem 1,75 de altura. Pesa 55 quilos. Olhos e cabelo castanho escuro. É um apaixonado cultor do «box». A «RKO-Rádios», para se precaver contra quaisquer eventualidades, segurou os pés e as pernas de Fred Astaire em um milhão de dólares.

Charlie Chaplin e Paulette Godard encontram-se, no Oriente, em plena lua de mel!

UMA revista francesa acaba de publicar uma interessante crônica sobre a viagem de Charlie no Oriente. Dela extraímos os seguintes períodos:

A estada de Chaplin, em Angkor? Foi bela, como um poema. Não se limitou a estar ali algumas horas apenas, como fazem os outros turistas. Demorou-se muitos dias — os mais belos, os mais puros, os mais emocionantes desta lua de mel que celebra, não obstante os seus quarenta e sete anos, com a encantadora Paulette Godard.

Logo que alvorecia, os dois esposos perdiam-se na floresta, misteriosa e imensa! «No meio das árvores gigantes, ouvindo o zumbir de milhões de insetos e o chilrear da pssssss — declarou Chaplin — tínhamos a impressão de viver na terra, antes da criação do homem!».

A tarde, não era entre as árvores que eles experimentavam a alegria de estar unidos, mas sim no meio do mais magistoso labirinto de pedra, que se pode encontrar em todo o mundo.

O tempo de Bauleaf-Srei? Corredores, habilitados por espíritos e onde o eco atinge aquele que ousa elevar a voz, como um boomerang que regressasse das profundidades da criação.

Imensa necrópole dos deuses mortos. Selva de regiões desoladas e de pedras em comunhão, com raízes de árvores apodrecidas. Renda interminável de bujas ventruadas de olhar impenetrável. Um único caminho, que, com as suas mil e uma voltas, nos parece transportar ao infinito.

A saída do templo, Chaplin enlaçava Paulette, e, com a sua voz nasalada, entoava uma canção fantasiada:

Não temos medo do eco
Não temos medo dos espíritos
Não temos medos dos deuses mortos
Porque somos dois!

Os dois foram jantar depois ao Grande Hotel d'Angkor, onde estão hospedados, e onde o amabilíssimo sr. Mesnier, lhes proporcionou as refeições os

mais saborosos pitêus indo-chins: Caranguejos gigantes, os mil e um peixes da Cochinchina, os melhores vinhos de França, entre os quais um Pommard de 1875, que dir-se-ia ter vindo das caves duma dama da corte parisiense, que recebeu em sua casa todos os reis da Europa...

E foi nesta atmosfera, onde o mistério e o conforto se alternam, onde a Europa e a Ásia se confundem, que Chaplin nos disse ter idealizado a parte basilar do seu novo filme.

Mudança de cenário: Charlie voltou a Saigão. Conseguimos encontrá-lo no bar «Canaris».

Não parece satisfeito.

— Que quere que lhe diga?

— Queríamos saber alguma coisa sobre o seu novo filme.

— Nunca divulgo os meus argumentos. Já sabe, por alto, qual é o tema: um filme sobre os bastidores de Hollywood, onde eu desempenharei um papel duplo (o de rico produtor e o de pobre figurante). Quanto a pormenores, eu próprio os ignoro. É precisamente para os amadurecer que eu viajo. Calcule que determinada cena numa rua de Xangai me sugeriu uma passagem cômica do meu novo filme. E quando vi os macaquinhos circuntos na floresta Indo-China, nas suas monices e brincadeiras, ocorreu-me outra ideia que vai resultar na tela. As correspondências entre as minhas obras e o mundo real são misteriosas e, às vezes, burlescas. A inspiração não se explica.

Foi tudo o que Charlie nos disse.

A nossa presença maça-o, visivelmente.

Está farto já.

No passeio em frente, a multidão estaciona, ávida de autógrafos ou de ver, simplesmente, o maior artista «in the world». O serviço de ordem é perfeito. Charlie levanta-se, paga — e sai.

Como se olhássemos a ela, vemos a sua silhueta esfumar-se no fim da rua.

Volta-se, faz-nos um sinal de adeus, e canta a canção de «Tempos Modernos», que não tem significado em língua alguma:

Ponna Walla, ponna va.....



Os três notáveis intérpretes de «Barbary Coast», do United: Edward G. Robinson, Miriom Hopkins e Joel McCrea

Qual foi o filme



de que mais gostou?

— E os seus três actores predilectos?
— Clark Gable, Charles Boyer e Laughton. Os meus artistas preferidos e dos de mais talento que o cinema nos tem dado.

Maria das Neves

é uma rapariga com raros toques artísticos, que tem feito no palco do Maria Vitória pequenas maravilhas de arte teatral. As suas revistas são grilos de alegria, sinfonias de luz, que encantam as plateias e as sensibilizam.

O nome de *Cine-Jornal* abre passagem até o seu camarim. «mignon» e confortável, onde somos recebidos com atenciosa deferência.

O nosso inquérito intimida-a, de princípio. Vê muito pouco cinema, o tempo é escasso para ensaios e arranjos de teatro.

Por fim, sempre nos satisfaz a curiosidade:

— Não sendo cinéfila, mas adorando o cinema, talvez a minha opinião não satisfaça. Corresponde ao pouco que tenho visto e à minha sensibilidade de artista. Eis os meus três filmes preferidos: *Véspera de Combate*, *Filha de Maria* e *A mascote do regimento*. Quanto a actores, os meus votos vão para Wallace Beery, Jackie Cooper e Charles Boyer.

Um pouco mais atilante, fica o camarim de alguém que, dentro do nosso teatro ligeiro, marca uma posição valerosa:

Alvaro de Almeida

— Com muito prazer, respondo ao vosso inquérito, tanto mais que *Cine-Jornal* tem a minha maior simpatia. Para mim, os três filmes da época que marcaram, foram *Sansão*, *Alegre Divorciada* e *Mundos Infinitos*.

E as atrizes que merecem a sua admiração?

— Ah! meu amigo! Antes que qualquer outra, a genial Greta Garbo; depois, Annabella e Franziska Gaal. Como vê, prefiro as europeias às americanas. Mesmo em frente, ficava-nos

Maria Cristina

é uma artista simpática, que percebe de cinema e que fica satisfeita por dar a sua opinião a *Cine-Jornal*.

Aviva a memória, passa uma revista rápida ao que viu e responde-nos, prontamente:

— Eu voto em *Véspera de Combate*, *Mayerling* e *Sansão*. Estas três produções constituíram para mim espectáculos inolvidáveis.

— Os actores que merecem a sua simpatia?

Sem hesitar, Maria Cristina atira-nos com os nomes dos seus artistas favoritos:

— Charles Boyer, Wallace Beery e Harry Barr, qualquer deles é um grande actor.

Como vêem o magnífico intérprete de *Mundos Infinitos* está assinalando um começo de vitória entre as estrelas do nosso teatro, à qual tem pleno direito.

Maria Paula

Artista de cinema da primeira fila, artista de Teatro, de fresca data — por onde recentemente passou marcando o seu lugar de forma inconfundível — Maria Paula pareceu-nos uma das pessoas indicadas para depor, desde já, no nosso inquérito.

À nossa pergunta, a inesquecível Clara das *Pupilas*, afirmou, sem hesitar:

— Três filmes? Não me parece difícil apontá-los, com justiça: *Quadro Irmãs*, *Parada Maravilhosa de 1936* e *Os noivos de Mary*.

Tomámos nota, sem cortar ao entusiasmo com que nos fala desses filmes. Maria Paula escolheu bem, não resta dúvida.

— E os seus actores favoritos?

— Três, só?... Charles Boyer, indiscutível! E depois Jean Mural e Clark Gable.

Lina Duval e Eugénio Salvador

bailarinos exímios, que tanto têm gloriificado a nossa arte coreográfica, através das suas sugestivas criações, acabavam de sair de cena. Tornava-se interessante escutá-los.

E enquanto Lina mudava de fato, Salvador respondeu ao nosso inquérito:

— Como bailarino que sou, vai perdoar-me que a minha admiração vá para a *Parada Maravilhosa*. Um filme estupendo, alegre, cheio de dinamismo e, sobretudo, com bailados magistrais. Abolindo produções em que a minha arte se manifeste, dou preferência a *As quatro irmãs*. Em igualdade de circunstâncias com o primeiro destes filmes, manifesto-me francamente por *Quando para o Rio*.

— Quanto às estrelas favoritas?

— Três mulheres, três encantos, três diabos: Any Ondra, Ginger Rogers e Joan Crawford.

Lina Duval ainda se preparava para o número seguinte. No entanto, mesmo por trás do reposteiro, disse o que se lhe oferecia sobre o assunto:

— No que diz respeito a *As quatro irmãs* e *Parada maravilhosa*, sou da opinião do Salvador. São dois filmes estupendos. O da Katherine enterneceu-me, o de Robert Taylor entusiasinou-me e deu-me vontade de fugir para Hollywood. Os meus actores predilectos são Charles Boyer, Clark Gable e Eddie Cantor.

O intervalo findava. A revista ia começar. Já a voz do contra-regra despertava artistas e coristas do pouco repouso que tinham disfrutado.

E assim terminou a primeira fase do nosso inquérito.

ANTÓNIO FEIO

Da esquerda para a direita e de cima para baixo: Beatriz Costa, Nascimento, Lina Duval, Alvaro de Almeida, Maria Paula, Eugénio Salvador, Maria das Neves e Maria Cristina.

O final da época cinematográfica aproximase. Em breve a maioria das salas de estreia encerrará as suas portas e o público cinéfilo deixará de se preocupar com a actividade filmica para se entregar à delícia dumas férias bem gozadas, em que o mar e as serras substituem os dias de moda nos cinemas da capital.

Estando a época prestes a encerrar, ocorreu-nos escutar a opinião da gente do teatro sobre a valia dos filmes corridos esta temporada.

As suas opiniões são insuspeitas e certamente o seu critério artístico muito nos há de dizer.

Com a exibição do *Trevo das quatro fúlias* a figura da actualidade é o *Zé Maria*. O *Zé Maria* emita pela rádio, o *Zé Maria* peja as paredes de cartazes monstros. O *Zé Maria* serve de tema para as mais exaltadas discussões.

Pois o *Zé Maria* também tinha que dar a sua opinião para *Cine-Jornal*. E foi com este propósito que irrompemos pelo camarim de

Nascimento Fernandes,

no teatro Avenida. O *Zé Maria* tinha morrido. Na nossa frente estava o senhor *Tibério Salgado*, pessoa da máxima respeitabilidade no nosso meio social.

O senhor *Tibério* ajeitou a cabeleira, deu alguns relanques na caracterização e proferiu, com modos reverbos:

— É grave... muito grave mesmo... eu sou suspeito.

— Vamos, Nascimento, passe em revista o que viu, agite a sua sensibilidade.

— Como é para *Cine-Jornal*, respondo-lhe: o meu filme preferido foi, como não podia deixar de ser, *O trevo das quatro fúlias*. Depois a minha preferência vai para *As quatro irmãs* e *Parada maravilhosa*.

— E as suas três estrelas mais queridas?

— Joan Crawford, Katherine Hepburn e Greta Garbo.

Afinal o senhor *Tibério Salgado* tinha uma opinião inteligente.

Corremos a outro camarim. O depoimento de

Beatriz Costa

era precioso. A garota da franja é galante a receber e tem sempre um sorriso fagueiro para os jornalistas.

— Quais foram os três filmes desta época que mais a sensibilizaram?

Com três minutos para entrar em cena, Beatriz responde-nos mesmo à boca do palco, com a sua desenvoltura cem por cento cinéfila e muito pouco nacional:

— *Mayerling*, *Mascarada* e *As quatro irmãs*. Três filmes estupendos que me abalaram os nervos.

A NOVA LINGUAGEM DAS PERNAS



do... mas isso, era considerado por toda a gente como tara pouco menos que digna.

Sómente lá para o Oriente, esse delicioso Oriente, que todos os Lotis de hoje se consideram com o direito no apadrinhamento de quebrar ineditismos, é que ainda considerava em grande plano, a religião da beleza das mãos e dos pés. Para isso sofria sacrifícios fálais duma vida inteira desde o berço à tumba, gemendo e chorando entre flores de miosótis e ramadas de bambús.

A linguagem e a beleza que o cinema, quere e tirou já partido desses membros, considerados por todos, desde os bancos da escola como inferiores, bem diferente é e deverá ser.

A beleza, nessa linguagem, contudo não fica ausente. Mas é uma beleza sem sacrifícios fatalistas, uma beleza pura como Deus no-la dá e só aqui ou além retocada, pintada por exemplo com mais ou menos vermelho, nas unhas ou nos calcinheiros para que a tonalidade colorida não desfeie o ritmo ondulado das curvas que são traçadas nos bailados, em frisos de branco e preto.

nas pernas de Jean Parker jogando o ping-pong em «Vende-se um fantasma», a ingenuidade casta das suas formas bem lalhadas dentro do seu bem talhado «short», mais do que os seus olhos, mais do que a sua boca e os seus cabelos negros aí reside a sua verdadeira psicologia o seu verdadeiro encanto. E quem diz Jean Parker, diz Marlène, de pernas nervosas, cheias de «sex-appeal» provocante, que escaldam, queimam, ferem, como setas e balas «dum-dum» bem apontadas. As pernas de Greta Garbo, são pernas que precisam de moldura: as caudas dos seus vestidos dos seus veludos e «lamés». Só através delas é que elas criam e conseguem alcançar o seu verdadeiro cariz. As pernas das coristas de Mack-Sennel só precisam de «trousse e soutien» para que se transformem em espumas, em espumas de bolos de cremes e de bom gosto. Foi tapando depois essas «trousses» em longas vestes de leicidos maleáveis quando já lódas tinham tido o seu tirocinio especial e longo, que elas se tornaram

lico, um autêntico «ais» de oiros, não precisam de música para acompanhar as suas vocalises, os seus tons e os seus limbres. Há certas alturas em que a música não faz falta para eles. Além de dançarem, cantam e se são possível até assobiam.

Mas além destas, há pernas que ainda estão recentes que são célebres há muito, não pela sua beldade, mas pela beleza e emoção que delas se fazem emanar. As pernas de Charlot de botas canbadas e de andar em V, encadernadas numas larguíssimas calças a desfazerem-se no seu andar miudinho, de «tie-tie», «tie-tie», devem ser as que mais têm revolucionado o mundo. Todo o glóbo choraria com certeza, a perda

(Conclui na pág. 15)

OS olhos sorriam e choravam, ora em tumultos de tristeza ou catadupas de alegria; a voz modulava-se nas mesmas formas, mansa, melodiosa, apaixonada, triste, alegre...; as mãos, se bem que não estivessem ainda livres de peias — lá serviam de quando em quando, de meio até, para suavizar certa expressão, certa fala, certo olhar.

Mas os pés e as pernas? Alguém se tinha importado com eles? Tudo e todos os julgavam inúteis, suportando-os com desfastio, outras vezes até, com certa má-vontade. Veio, porém, o cinema e livrou-os, despiu-os, deu-lhe a liberdade plena dos seus movimentos, da sua linguagem e eles aí estão já em grande plano, tendo e possuindo uma gramática e uma linguagem, que lhes permite exteriorizar toda a casta de emoções por mais variadas que sejam.

Não havia realmente direito de olhar por mais tempo essa linguagem deliciosa que nos dão os ritmos equilibrados ou desequilibrados das pernas e dos pés. Antigamente quasi que só se cuidavam das linhas das mãos. Os pés, pobre deles, mortos para a vida, encafudados e macambúsios, sempre às escuras, regando o melindre e o choque da luz e do ar, que mal vistos e mal julgados eram sempre. Um fardo, um verdadeiro fardo que a humanidade suportava sabe Deus com que custo.

Ainda havia algum maduro que teria o fraco dum pé pequenino, bem torneado



Mas independente da multidão, longe mesmo dessa multiplicidade de vistas tomadas em conjunto, em *travelling* de amplas figurações, há o caso aparte, o individual, o de cada um de per si, que tem o seu valor, a sua psicologia vamos mais além até, que tem a sua fisionomia muito especial, muito *sui generis* com lindas cores, formas, desejos e mágoas como o mais puro rosto modulado, por linhas cem por cento tentadoras. Então cada par de pernas vale como uma vedêta. Existem mesmo pernas que são vedêtas de corpos, que são o seu protagonista e é através dele que chora, se lamenta e sofre.

Lembrem-se por exemplo desse longo mostruário que o cinema nos oferece;

mais graves, mais concretas, no seu muito mais avonlode, Harlow tem tanto platinado nos seus cabelos como na brancura macia das suas pernas, de curvas bem traçadas a lápis, por um grande artista.

Crawford, tem nas pernas que dançam com nervos, melodias bruscas entre copos de vinhos caros e cigarros de grandes marcas, o seu verdadeiro carácter. Mesmo quando está vestida e pura, num casto «saia e casacos», com um grande laço de colegial, traz já escrita no seu andar decidido, a fatídica sina que a há-de acompanhar, seguir e suicidar. Fred Astaire e Ginger Rogers esse par, ou por outra, esses dois pares de pernas que constituem um «ais» autên-





RAPARIGAS DE HOJE

SE tentasse esboçar o retrato da rapariga de hoje, descrever as suas características ou apresentar um modelo que a represente — não seria em um rapaz sísudo.

Diante desta fotografia duma rapariga americana, assallou-me, porém, a tentação de comunicar as minhas impressões sobre tão interessante assunto; elas aqui ficam registadas apenas como breves comentários.

Querer ir mais além, estabelecendo princípios, procurando definições, o mesmo seria que pretender construir palácios sobre a areia movediça do deserto.

Por isso me contento em erguer modesta tenda. Ai me abrigo e encontro a solidão propícia às evocações íntimas.

Pelos meus olhos perpassam os vultos das raparigas que tenho conhecido e, mais vagamente, quasi sombras, aquelas que arranquei às folhas dos romances ou fixei na tela dos ecrãs.

Qual delas a mais sincera?

* * *

Entre as raparigas conhecidas procuro recordar as de personalidade mais destacada. Perante quatro ou cinco figuras, tão dispareas mas tão de hoje, sinto-me perplexo para indicar qual venha a ser realmente a rapariga de hoje.

Para maior confusão, elas mesmo se definem: — sou uma rapariga de hoje; — e eu, dum género que já não se usa; segreda-me outra: — sou a mulher de sempre...

Aprecio, através a lucidez dos escri-

Comentários, mais ou menos cingráficos, dum rapaz sísudo...

tores, outras figuras femininas, mas encontro características próprias a cada país: a França, a Noruega, a América... Só não vejo tratado o caso da rapariga portuguesa.

E eis-me diante desta verdade: a rapariga portuguesa é diferente de todas as outras.

Simplemente, não era esta a verdade que eu procurava. E talvez não...

* * *

Acetilando esta base, de um tipo português diferenciado, nem por isso diminui o interesse que tomei pela fotografia que deu aso a estas divagações. Amostra do cinema americano, que divulgou entre nós a vida na América, ajudou-me a concretizar a ideia que faço da rapariga de hoje. Como é ou como julgo que deveria ser? Nada custa a crer que, na realidade, haja raparigas portuguesas que se pareçam com a que eu possa imaginar.

No entanto, para evitar que a criação se torne sobrenatural artificial, terei em atenção a maneira de sentir das nossas raparigas e o meio que as rodeia. Quem achar que uma e outra

coisa não vem ao caso, vá criar mancebos para o polo norte, a ver o resultado que tira.

* * *

Dando primazia ao espirito, refiro-me primeiramente à maneira de ser da portuguesa. Aponho facilmente três qualidades próprias: delicadeza, dedicação e desinteresse. E dois defeitos, também característicos: indolência e despreocupação intelectual.

Se a rapariga de hoje conservasse aquelas qualidades e abolisse estes defeitos, aproximar-se-ia sensivelmente do ideal...

A delicadeza — refiro-me à de sentimentos, porque a outra está ao alcance de todas as bôlsas — tem uma importância, por assim dizer, capital.

A mulher que tal delicadeza possua, não pode menosprezar a sua dignidade.

É rematadamente falso que a mulher que queira ser de hoje precise, para isso, perder a noção do pudor e deixar a recato, meio natural do seu desenvolvimento, para vir para a praça pública fazer teatro a pregos populares.

A dedicação e desinteresse são qualidades tão evidentes que dispensam comentários.

* * *

Indolência e despreocupação intelectual não são defeitos incorregíveis.

Por ser indolente, a rapariga portuguesa não pratica desportos, não cuida da sua formação física.

E não será indolência também a despreocupação intelectual que, em geral, se observa nas raparigas?

Para que o lar não se resuma no quarto de dormir, na sala de jantar e na cozinha, para que seja possível dar vida a uma sala de estar, confortável e íntima, onde se e se elas encontrem o ambiente propício à comunhão dos espíritos, é preciso que a mulher saiba conversar e derive o seu pensamento da última moda de Paris para outros assuntos de maior interesse.

* * *

Dissemos que havia a considerar o meio, ao colocar nêle a rapariga de hoje.

O meio é o inimigo público n.º 1 da rapariga portuguesa.

E aqui caberiam, se o espaço permitisse, variadas considerações sobre o rapaz de hoje.

Pois que, afinal, quando maior for a identidade entre os dois personagens, mais nos aproximamos do verdadeiro caminho.

Lá diz o Alameda Negreiros: 1+1=1.

AMBRÓSIO



Um filme gigantesco e esplendoroso do ano máximo da METRO-Goldwyn-MAYER

AS MULHERES NÃO SÃO TÃO MÁS COMO AS PINTAM...

por Una Merkel



AS mulheres não são tão más como as pintam. Que têm a censurar-lhes? Aham - nas ciumentas, mesquinhas, maldizentes, vaidosas — sei lá que mais!... Mas nenhum desses defeitos é apanágio do sexo fraco. Vamos encontrá-los, também, entre os homens.

As mulheres não sabem guardar segredos, diz-se. Mas os homens também não. É uma fraqueza humana. E se nós próprias, às vezes, não resistimos, a confiar segredos, como temos o direito de exigir que não os repitam. Seria pedir muito à amizade. Para que envenenar as vossas amigas com assuntos que apenas a nós dizem respeito. Elas já têm com que se preocupar.

No que respeita a «potins», os homens são tão culpados como as mulheres. E entendo que não representa uma censura sublinhar essa tendência. Porque motivo nos interessamos tanto pelos escândalozinhos que nos envolvem? Porque são excepcionais. Nós, seres humanos, temos tantas qualidades, que a menor falha representa um acontecimento. Se fôssemos mais, por natureza, apenas nos interessaríamos pelas boas ações...

Katherine Mansfield disse, num dos seus poemas, que o Homem e a Mulher são os dois versos da mesma medalha. Sou da mesma opinião. Os homens têm um pouco da sua dogura, e as mulheres um pouco da sua força. Os defeitos são comuns também.

É corrente ouvir-se dizer que as mulheres, mormente as de Teatro, são invejosas. Se esse ciúme profissional existe, deve ser uma excepção, porque nunca a notei.

Quando representei *Coquette*, numa sala de Broadway, ao lado de Helen Hayes, tinha um grande papel. Mas a vedeta, se quisesse, podia eclipsar-me. Em lugar de proceder assim, Helen deixou-me brilhar, e proeuvou dar-me ensejo de afirmar o meu valor. Experimentou quasi tanta alegria, como eu, ao ouvir os aplausos que o publico me dirigia.

Porque, muito embora se diga o contrário, os artistas, por vezes, chegam a radicalar profundamente, entre si, laços de amizade. Conto, entre as minhas melhores amigas, Helen Hayes, Madge Evans, Felanor Powell, Anna May Wong, etc. Nunca tivemos reciprocamente a mais pequena desconfiança ou ciúme. Muito embora deixemos de nos ver, às vezes durante anos, a nossa amizade não esmorece. E o que se dá comigo — dá-se com as outras.

Vejam, por exemplo, o caso de Helen Hayes e Ruth Chatterton. Explorando, na tela, o mesmo género de figuras, assemelhando-se, por vezes, até, consi-

deradas rivais — é impossível encontrar duas mulheres que se estimem tanto e que tanto se respeitem mutuamente. Quando Helen foi para Hollywood, Ruth, que a havia precedido, ensinou-lhe os segredos da «maquillage» e a técnica do filme.

Dolores del Rio e Virginia Bruce — outro par de vedetas amigas. Além destas, Helen Hayes e Ruth Gordon, Joan Crawford e Jeanne Dixon e tantas outras. Para terminar citarei a amizade que unia a argumentista Frances Marion e Marie Dressler. France tinha uma confiança e uma admiração ilimitada pela malograda artista. E demonstrou-as bem, pois, pouco antes da sua morte, escreveu-lhe um argumento, que a consagrou definitivamente.

E ainda há quem afirme que as estrélas só se dedicam às dactilos e criadas graves, porque são pessoas que não podem competir com elas...

* * *

Se é verdade que as mulheres sabem ser extremamente dedicadas não é menos verdade também que sabem odiar à maravilha! E quando começam a detestar alguém — lá têm as suas razões. Os homens — quantas vezes! — julgam as mulheres pelas suas amigas. E desconfiam das que as não têm. São injustos, porque é um índice seguro do carácter duma mulher.

Creio que hoje os homens têm menos razões de desconfiar das mulheres. Se, há pouco tempo, muitas delas se interessavam demasiadamente, pelo dinheiro, suponho que já mudaram um bocadinho... De contrário, haveria muitos e muitos homens para quem não olhariam...

Depois da crise, as mulheres aprenderam a sofrer e a partilhar das penas dos homens. Ante a *chômage* e outras calamidades, não só continuaram a ter confiança nos homens que amavam como os ajudaram a suportar o embate da adversidade, insuflando-lhes coragem.

Esta transição, esta mudança, é flagrante no capítulo da moda. As mulheres, hoje, já não se ocupam tanto com as *toilettes*. A época é propícia aos fatos «à sport»: trajos singelos, felpos sem pretensões, acessórios modestos.

A moda de hoje está loge de ser luxuosa.

* * *

Tôdas as gerações têm tido a sua *folle jeunesse*. Creio que a mulher, presentemente, se conseguiu desembaraçar de preconceitos que eram atributo do

seu sexo. Aprendeu a encarar a realidade, e, pela sua parte, adquiriu o senso comum.

Assim, por exemplo, ficou sabendo que tem o seu lugar na vida do homem que ama, e que não deve ter ciúmes do passado do marido. Cada um dos amores têm o seu tempo, e o século XX não é época propícia para que renasçam das cinzas...

Uma ex-noiva de meu marido é uma das amigas mais assíduas a visitar-me. Em compensação correspondo-me com alguns dos homens que noutros tempos me fizeram a corte. Meu marido não se opõe.

* * *

É tão afirmar que as mulheres estão sempre prontas a esperar uma faca, nas costas das companheiras. No estúdio, por exemplo, é digna de nota a atitude desinteressada do pessoal feminino. Caracterizadoras, cabeleireiras, e tantas outras, tratam-nos como se fôssemos pessoas de família.

As mulheres-jornalistas, teriam mu-

tas ocasiões de nos ser desagradáveis — se quisessem. Mas são elas que nos dão mais incitamentos e coragem.

E as espectadoras? Só organizam clubes para Valentino, Clark Gable, Montgomery e Gary Cooper?

Não! Há clubes Joan Crawford, Jean Harlow, Claudette Colbert e Norma Shearer — que acarinham e admiram.

Conheci, durante o meu passado, mais homens que mulheres. O destino assim o quis. Pois bem, juro que as mulheres e os homens têm qualidades e defeitos, na mesma proporção.

Enfim, para concluir, a maior censura que fazem às mulheres é correrem atrás dos homens. Mas é uma censura sem fundamento. Há pessoas que parecem esquecer, que, após certa idade — isto é: na adolescência — é natural que as raparigas desçam encontrar a sua alma gêmea. Não há nisso nem maldade, nem falta de juízo. É apenas uma velha lei da Humanidade. E áqueles que vêm o caso sob outro aspecto, direi que é melhor censurarem Adão e Eva...



Um animado party — diz-nos que, havia terminado mais um filme. É um hábito velho em Hollywood, quando se dá a última manivelada duma produção, oferecer um party.

Este acto concorridíssimo, torna-se notável não só pela escolha dos convidados, como também pela alegria que li reina.

Fazem-se brindes:

- Pelas prosperidades de Miss Pons!
- A melhor cantora de Hollywood!
- Pelo êxito de «I dream too much»!

Lia-se nos olhos de todos os convidados, que as manifestações eram absolutamente sinceras.

Conversava-se animadamente. Uns alavam na enorme avalanche de artistas franceses em Hollywood. Lembra-se nomes. Outros discutiam as qualidades artísticas de Lily Pons, a interessante *French Lady*, que, como intérprete principal de «I dream too much», havia conquistado Hollywood.

O seu nome corria de boca em boca. Todos se admiravam de como dum ser tão pequeno, podia sair uma voz tão brilhante, tão poderosa. Quando canta, as notas saem-lhe puras, magníficas, esplêndidas.

Há quem recorde a opinião dum especialista que, tendo examinado as mais célebres gargantas do mundo, disse de Lily: «depois de Caruso, estas ordas vocais, são as melhores que até hoje tenho observado».

O party está causando sensação na cidade do cinema.

Lily Pons passeia radiante entre os seus convidados. A alegria baila-lhe nos olhos, húmidos de comoção. Está a dois passos do êxito, da glória.

O criado anuncia que o redactor dum jornal norte-americano lhe deseja falar. Lily recebe-o da melhor vontade. É já o conhecimento público o sucesso de Lily Pons na sétima arte.

O jornalista procura, portanto, algumas palavras para o seu periódico. Lily radiante para Lily Pons. Como é agradável recordar o seu doloroso passado, no dia do seu maior triunfo. O jornalista ouve atento as confidências da nova estrela de cinema, e é ele quem nos diz:

«A 13 de Abril — não dizemos o ano porque é feio mencionar a idade duma mulher — nascia em Cannes, uma garota de olhos grandes e negros. Passou a infância, durante o verão, perto do mar. Tomava dois banhos por dia. Era preta por se dourar ao sol. No inverno aprendia piano, e com suas irmãs fazia pequenas representações para passar o tempo.

A pesar de Lily não ver com bons olhos o piano, então obrigatório quando era de certo meio, aos quinze anos tinha um honroso diploma passado pelo conservatório de Paris, mas, contra os desejos, não lhe permitia tocar em publico.

Depois duma grave doença que a re-

leve no leito durante alguns meses, vamos encontrá-la, realizando uma velha ambição, no Teatro de Variedades de Paris. Desempenhava o papel de ingé-

nua, ao lado do grande cómico Max Dearly, então em plena glória. Escrevia-se na opereta, agrada. Os aplausos repelem-se. Lily procura um professor de canto, para lhe ouvir a opinião, que, afinal, era a opinião unânime: «é uma soprano notável. Trabalhe, trabalhe e vencerá».

Canta o *Rigoletto*, *Mignon*, *O Barbeiro de Sevilha*, *Lakmé*, sempre ansiosa da perfeição. Vence dificuldades, derriba obstáculos.

A elite da melhor sociedade francesa seguia com interesse os espectáculos que o teatro de Mulhouse oferecia aos sábados e domingos à noite, e no domingo à tarde, onde representavam artistas em «tournée». Anunciaram uma noite *Lakmé*, (em tipo grande) tendo como principal intérprete Lily Pons (em caracteres pequenos). O sucesso da estreia foi o princípio duma «tournée» pela França. De êxito após êxito, Lily, quando da sua estadia em Montpellier, recebe, antes de entrar em cena, a visita dum americano que lhe vinha propor um vantajoso contrato.

Dois meses depois, em Nova York, entrava na Ópera Metropolitana. Cantou o *Lakmé*. Um triunvirato de juizes austeros e conhecedores do assunto, mostrou-se absolutamente agradável para com a jovem cantora. No final da última nota, tão alta e tão ligeira, ela já tinha nas mãos um contrato por 5 anos. Os jornais não se cansavam de elogiar esta cantora «made in France».

Os seus passos dirigiam-se para o caminho da glória.

Lily Pons começou o trabalho de estúdio com persistência e vontade de vencer. Era feliz combinando as duas maiores ambições da sua vida: cantar e representar.

Não desanimava um instante. Eslava plenamente convencida do sucesso do filme por uma razão bem simples: O número treze era o seu número favorito; havia sido colocada sob o signo do número treze.

Nasceu a 13 de Abril. O título americano do seu filme «I dream too much», tem 13 letras; o produtor Pandro S. Berman, o autor da música Dorothy Fields, o «costumier» Bernard Newman, o autor do cenário David G. Wiltles, todos têm nomes de 13 letras. O primeiro registo musical foi feito a 13 de Julho e a primeira tomada de vistas a 13 de Agosto.

Querem algumas provas mais manifestas do sucesso dum filme?

A sua vida tornou-se um paraíso.

Contralada da «R. K. O.», Lily Pons tem sido alvo das maiores manifestações, laudo do público, como dos directores.

Trabalha pacientemente, inteligentemente, sem cóleras, sem explosões de queixas.

Absolutamente satisfeitos, despedim-nos de Lily Pons — a mais directa rival de Grace Moore.

É assim que o jornalista entrevistador da nova estrela de cinema, termina o artigo.





Joaquim Murrieta arvara-se em chefe duma quadrilha de vingadores...

Os nossos filmes

A CIDADE DO OIRO

quantidade de ouro, e que por isso é assallada pelos homens de Murrieta. Este ordena que não maltratem a rapariga, mas na refrega, que se desenrola, ela é ferida, e morre, apesar de todos os esforços de Joaquim para a salvar.

Impressionado por esta tragédia, Joaquim Murrieta, decide abandonar a América, voltar para o seu México, e quando anuncia a sua decisão quasi to-

dos os seus homens decidem acompanhá-lo.

Entretanto Bill Warren, julgando propositada a morte de Luiza, denuncia às autoridades, que perseguiram Joaquim, o refúgio secreto que ele conhecia, pela amizade antiga que o ligara ao bandido. Toda a quadrilha é cercada e trava-se então uma verdadeira batalha, em que Juanita é morta, assim como quasi toda a quadrilha. Joaquim foge para as montanhas, perseguido por Bill Warren, que o fere pelas costas mortalmente.

Quando Joaquim vê quem o feriu, pergunta ao seu antigo amigo porque o atraçoara. Bill acusa-o da morte da noiva. Joaquim que já não tem forças para explicar-se, diz a Bill, que procure saber quem a matara. Morre, e Bill arrependido pela injustiça que praticara, toma-lhe carinhosamente o corpo, e leva-o no seu cavalo para o México, para a terra querida que Joaquim tanto amara, e que os invasores tinham revolido na febre do ouro, que originara tantos e tantos crimes.

U. AZEVEIRO DIAS

JOAQUIM Murrieta, é um jovem aldeão que vive feliz, sob a proteção do senhor de la Cuesta, grande proprietário mexicano. Joaquim está apaixonado por Rosita, filha de outro aldeão. Casi com ela, dias antes da descoberta de um filão de ouro no vale de São Joaquim. Ao novo Eldorado acorreu gentes de todas as raças e de todos os países na ansia de fazer fortuna.

Joaquim, fugindo dos hábaros, leva a sua noiva para uma aldeia próxima, e ali vivem uma vida de paz, até que alguns mineiros sem escrúpulos vêm perturbar o seu parafuso.

Esses homens descobriram que existe ouro nas terras de Joaquim, e planeiam roubar-lhas. Maltratam-no brutalmente e violentam-lhe a esposa. Rosita morre, e Joaquim jura vingança feroz...

* * *

Joaquim persegue os homens que ultrajam Rosita, e mata-os, um a um. Em face de tais crimes, a sua cabeça é posta a prêmio. Oferecem-se recompensas pela sua captura. Bill e Johnnie Warren, dois jovens americanos, amigos de Joaquim, avisam-no do perigo que corre, e aconselham-no a fugir, para as propriedades de Jesus, seu irmão mais velho.

* * *

Ali, mais uma vez, Joaquim encontra a paz e a tranquilidade durante algum tempo. Mas esta paz, é interrompida de novo pela brutalidade de alguns aventureiros embriagados, que acusam, falsamente, Jesus de ter roubado uns cavalos.

Enforcam Jesus e chicoteiam Joaquim... Este é socorrido por um grupo de bandidos, que lhe curam as feridas e o escondem entre os seus.

* * *

Joaquim decide-se a ficar com a quadrilha, e bem depressa adquire presti-



Um grito de revolta ergue-se, no vale, contra as injustiças e iniquidades dos dominadores

gio, organizando-a, tornando-a num forte exército da vingança. Todos os homens que tinham enforcado o seu irmão, são mortos pelo bando. Joaquim tornou-se, sem querer, um fora da lei.

* * *

Os aventureiros apoderam-se das propriedades de la Cuesta, e destroem tudo na ambição de encontrar o ouro. La Cuesta é assassinado. Sua filha Juanita, que agora odeia tanto os americanos como o próprio Joaquim Murrieta, torna-se um dos mais ferozes membros da quadrilha, e amante de Joaquim.

* * *

A noiva de Johnnie Warren, vem ter com ele ao Oeste, para casar. Viaja na diligência que transporta uma grande



Trava-se um batalho feroz, no cenário paradisíaco do floresta



PARA conservar o seu prestígio, as vedetas precisam de assombrar o público com meio dúzias de excentricidades. (Refira-me, claro está, ao público americano. Na Europa, de resto, estes métodos de publicidade estão menos... aperfeiçoados). Uma estrela que se preza, deve vestir do ruo de la Paix, possuir, como animal doméstico, um rinoceronte de momo, uma pantera zebreada — e encher os páginas dos jornais com as confissões dos seus amores.

Porque se vêem tantas fotos de Joan Crawford nas revistas do mundo inteiro? Pelo seu talento, pelo seu beleza, por certo.

Mas, sobretudo, por causa de Franchot Tone e das gordéias! Não compreendem? Joan apregoa aos quatro ventos uma paixão desordenada por ele e pelas flores. E nunca se deixa de fotografar, ora com um, ora com outros. Isto até o momento em que o público exija outra apaixonada e outras flores. Esta publicidade resultou em cheio, quando Joan, então uma obscura figurante, desposou Douglas Fairbanks J.º. Lembrem-se do que se escreveu o seu respeito. Todo o gente falava no «por perfeito», e Joan confiou, o todo o mundo, por meio da imprensa, as suas inquietações e o alegria do seu felicidade. O seu público gostou que toquem essa tecla, e, como o vê sempre, no tela, no papel de gronde amoroso, e fica radiante por o encontrar na intimidade, tal como sempre o imaginou.

Outro heróico romanesco, muito experimentado, tem sido Lupe Vélez. Há alguns anos, os jornais contaram o seu grande amor por Gary Cooper. Durante cinco anos, raro era o dia em que não aparecia uma versão nova.

Depois, divorciou-se e casou com John Weissmuller. Outra fase de amores: amores violentos, disputas, questionários, pedidas de divórcio, logo retiradas, — e reconciliação: beijo na boca, perante os fotógrafos dos grandes jornais americanos.

Os próprios directores acabam por se deixar influenciar pela leitura de todos estes artigos, e não ousam confiar o papel de amoroso ardente a uma actriz cujo vida, simples e digno, não dê margem, na realidade, por o croniczinho o tresandor o escândalo.

Todo o rego tem excepção, e, assim, Claudette Colbert, sagrado grande sedutor, por Cecil B. de Mille, raramente dá que falar. Está casado com Norman Foster, que continua o ser o seu primeiro «experiência»...

Mary Brian foi, durante anos e anos, uma rapariguinha encontradora, doce e fina, que vivia com o pai, e tinha no mundo do cinema um lugarzinho modesto. Foi preciso que tivesse uma aventura com Charles Buddy Rogers, e que se habituasse a viajar, todas as semanas, de «flirt», por o criar fama de poder ter «sex-appeal».

Ginger Rogers foi lançada, pelo facto de ser amiga de Mervyn Le Roy, e se mostrar sempre, o seu lado, no «tennis», no «golf»... Quem conheceria Paulette Godard, se não fosse o «esposo secreto» de Charlot?

É frequente certas vedetas, para fins publicitários, arvorarem sentimentos que lhe são absolutamente estranhos. Lilian Harvey, por exemplo, fingiu estar apaixonada por Gary Cooper. Carava, pudicamente, quando pronunciavam o seu nome e quando recebia ardores, que ele lhe mandava. O que não

a impediu de ser o noivo de Willy Fritsch — e de continuar apaixonadíssimo, por ele. Mas metade das mulheres do Cincelândia estão apaixonadas por Gary, ao passo que lá ninguém conhece o famoso actor alemão.

Lembrem-se das pretensas aventuras de Jeanette MacDonald e do Príncipe Humberto de Sabaio? Publicidade...

E Maç West? Avaliem como o alhorim, se não tivesse o ouralá-lo o escândalo de que se envolve. Seria apenas uma rapariga gorda, vulgar, já «entredada», embora inteligente e talentosa. De resto, o que faz com que Maç conserve o simpatia do público, é justamente o vida relativamente calma que leva, completamente em desacordo com os teorias imorais que apregoa e defende.

E chegamos a um aspecto curioso do opinião público americano: o seu puritanismo.

Há certas coisas que ele não admite, nem perdão. Lembrem-se do caso de Clara Bow: processou a sua secretária, que quis fazer «chantage». Ora, no decorrer do processo, descobriu-se que o ruivo vedeto costumava oferecer, aos seus apaixonados, presentes que ultrapassavam, em valor, aqueles que um homem, honrosamente, pode aceitar duma mulher. E acabou-se... Clara Bow foi banido do tela.

Os americanos também não transigem com o respectability dos actores. Uma vedeta pode ter cinco ou seis maridos sucessivos. Mas ninguém lhe tolera um amante. É preciso, ao menos, que esteja «naivo».

Esta exigência do público é, possivelmente, uma das causas das maus «ménages» de Hollywood. Esta é, pelo menos, o opinião de Glória Swanson, que não perdeu o hábito de se exprimir com audácia e franqueza, e que está casada pelo quinto vez.

«Os casamentos em Hollywood são um erro. Não se fundam num desejo sincero ou numa intenção duradora — são apenas uma transigência para com o público!»

D. P.





Lilian Harvey, a graciosíssima vedeta alemã, que acaba de iniciar, para a Ufa, o seu segundo filme, depois do seu regresso da América

CARTA DO PORTO

O panorama do momento e do futuro

AUMENTA, de semana a semana, o desinteresse do público porquanto pelo espectáculo cinematográfico. A falta de espectadores nos nossos cinemas não advém da qualidade dos programas apresentados, alguns dos quais constituem excelentes sessões em qualquer parte do mundo, a despeito do adiantado da época, mas, unicamente devido ao avanço que o verão tem tomado.

Era inevitável. Depois de um inverno intenso, prolongado, em que muitas vezes não se podia ir ao cinema pela excessiva abundância de chuvas, veio o tempo agradável, as noites quasi amenas, que a grande maioria da população dos cinemas imediatamente aproveitou para as passar ao ar livre.

Não devia, na verdade, ser assim. O Porto possui, de há muito, uma população mais que suficiente para manter, em regime de permanentes encheites, os cinco cinemas de estreitas e os dois de frequência que possui. Tanto de verão como de inverno podia muito bem verificar-se este facto mesmo que somente o número das pessoas que podem e devem apreciar a arte das imagens não ultrapassasse a percentagem-média de frequência de um individuo para um espectáculo, por semana.

Se assim fosse não havia diferença entre verão e inverno e até os cinemas existentes tornar-se-iam insuficientes. Mas, a verdade, a dura realidade, é que as empresas cinematográficas nun-

ca fizeram o mais pequeno esforço, a mais insignificante tentativa para chamar até si o público profano.

O cinema impôs-se por si, pelo seu valor intrínseco, interessou certas classes, dominou determinados individuos, mas, sem que as empresas dos cinemas contribuissem com a mais pequena parcela de trabalho para conseguir apaixonar pela arte a grande multidão anónima.

O resultado verifica-se.

O nosso sentido de análise não retém a mais pequena sombra de censura, pelo contrário pretendemos apontar uma falha que quando for evitada excelentes proventos trará aos exhibidores.

Já que vamos entrar no forçado interregno de todos os fins de época podemos, neste período de quasi descanso, os exhibidores estudarem a melhor forma prática de na próxima temporada chamarem aos seus salões o público que não os costuma frequentar, o que, como facilmente se compreende, não se pode conseguir sómente com os vulgarissimos anúncios nos jornais diários.

Poderão objectar que essa propaganda, cuidada, sistemática, profícua, custa dinheiro, mas, também é indispensável que nos convençamos que é semente deitada em boa terra e que germinará num fuluro, mais ou menos próximo, para dar bom fruto.

Importa, sobretudo, fazer novos ciá-filos.

Ai está o segredo, natural, lógico, do bom negócio cinematográfico de amanhã.

Os filmes do Palácio de Cristal

Tem causado certa estranheza, não só entre o público como entre os frequentadores do cinema do Palácio de Cristal, a qualidade e o género das películas que ali se exibem.

A excessiva modicidade dos preços, presentemente, depois de o público, de uma maneira geral, se ter habituado a ver produções com qualquer mérito, não se justificassem, mesmo assim, justifica os programas apresentados.

Uma vez que se pretende dar à exploração pública do Palácio uma certa tendência cultural, finalidade que a verificar-se merecia os encónios da cidade, não se comprehende, numa altura em que as super-produções abundam, que se organizem os programas que ali tem sido apresentados.

Há mesmo quem afirme que dadas as exigências feitas a quem ali pretenda explorar o Teatro, há pouco pósto a concurso, nenhuma explicação justa, lógica, se encontrara para a forma como a exploração do cinema tem sido feita.

Procura-se, a todo o transe, uma fórmula para interessar o público na apreciação de certas obras-primas do cinema que, dada a infeliz cultura das grandes multidões quasi não podem constituir espectáculos públicos.

Encontrar-se-ia essa fórmula na exploração do cinema no Palácio uma vez que ela não tem fins mercantis, mas apenas pretende a cultura do povo, especialmente das classes menos abastadas, como tanta vez tem sido proclamado.

Organização cinéfila

Agora que a época cinematográfica está no declínio, não deixa de vir a tábua de foice, apreciar-se o estado de espírito da massa cinéfila desta terra.

Durante a presente temporada falou-se muito, e em variegados sectores, da organização dos cinéfilos que visando uma curiosa e proveitosa intensificação da propaganda da arte, devia a esse conjunto uma louvável harmonia nas suas pretensões que se resumiram numa cruzada de efeitos imediatos e em beneficio do cinema em geral.

Chegou a tomar vulto a ideia da reorganização da Associação dos Amigos do Cinema, que depressa morreu à falta de um forte pulso orientador. Esta ideia era acentuada pelos cinéfilos mais antigos.

Entre os mais novos criou-se a impressão da possibilidade da fundação de um Club Cinematográfico que apenas chegou a entusiasmar teoricamente.

A espiritualidade e a isenção que tem de nimbir estas iniciativas foi o principal motivo porque ambas feneceiram, sem sequer se ter tentado pô-las em prática.

Mau prenúncio da mentalidade desta geração.

Ora desde que vamos entrar, muito brevemente, num forçado período de férias, é esta a ocasião para os cinéfilos pensarem nas suas simpáticas e louváveis pretensões e terem preparado para o início da próxima época a organização prática das suas ideias, às quais, decerto, não lhes faltará o aplauso geral.

São três meses em que se pode organizar e pôr de pé muito trabalho. Mãos à obra.

CARLOS MOREIRA

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Diretor: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27

Telefone 2 1365 e 2 1227

Comp. Impressão e Gravuras BERTRAND (irmãos), Lda

Trav. da Condesa do Rio 17 - Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48000
25 " 6 meses	24000
12 " 3 meses	12000
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65000

EXPERIMENTE

ESTA NOVA RECEITA

PARA A PELE



Extraordinárias experiências clínicas feitas com o extracto de Bioceol (proveniente de animais muito novos) foram executadas pelo Professor Dr. Stejskal.

da Faculdade de Medicina de Viena. Senhoras de 55 a 72 anos viram desaparecer completamente as suas rugas no espaço de seis semanas. (Veja a descrição pormenorizada no Jornal Médico de Viena). Os museus flácidos e enfiados do rosto tornam-se frescos e rijos e os semblantes estragados são rejuvenescidos rapidamente. As senhoras de 50 anos podem agora parecer de 30 e obter rostos que poderão fazer inveja a muitas raparigas.

Fornecendo à sua pele este precioso extracto de Bioceol que restitui a juventude, o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, alimenta-a durante o sono. Aplique-o, à noite, antes de se deitar.

De manhã, empregue o Creme Tokalon, Cór branca. (não gorduroso) — supprime os poros dilatados os pontos negros e branqueia a pele de três tons em três dias.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora.

Rainha da Hungria

A grande marca de produtos de beleza para peles normais. Embelezam, rejuvenescem, prolongam a macidade.

Academia Scientifica de Beleza

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA



As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A nova linguagem das pernas

(Conclusão da pág. 6)

duma, se um incidente estúpido se manifestasse. Em contraposição, as pernas de Douglas, o Douglas, que envelheceu e que ofertou ao cinema o seu bigode e o seu talento num Júnior, que Deus lhe proporcionou, devem ter sido as que mais Ah! — produziram e as que mais corações fizeram estremecer de sustos e de incerteza.

Os seus saltos, as suas peripécias, têm hoje talvez um herdeiro mais próximo do que o ex-marido da linda Crawford, John Weissmuller, o Tarzan apolíneo, se montasse a cavalo como nada, se usasse bigode e risse com o riso violento dum «Pancheo Villaz», seria o Robin dos bosques dos nossos dias. As pernas de Rodolfo Valentino, as suas pernas de pecador divino, que enoldavam os olhos negros das suas bem-amadas, tomaram a alternativa do som, deixaram por testamenteiro, George Raft. O longo que à luz do luar dançava em «Quatro Cavaleiros de Apocalipse» está hoje transformado num bolero, num bolero delicioso, com tanto caráter como esse tango que fez época e escola. O som surge e a atenção da linha e sombra é, ainda que momentânea, desviada um pouco para essa inovação na cinematografia. No entanto, logo de início, logo nos primeiros passos e «tém-tens», surgem as pernas da Louise Brooks como cartaz. Elas realmente mereciam isso. Mais do que um cartaz, eram um verdadeiro primeiro prêmio de beleza. Depois disso apareceram-nos os maravilhosos grupos de Albertina Rasch, disciplinados, subalternos a um tema, rectilíneos e expontâneos, na linguagem estúpida dos seus conjuntos, dos seus orfeões. O branco, o preto, o cinzento, o esbatido das cores e tonalidades que o cinema nos dá é valorizado imenso com essa novidade, que vai criando linguagem, estilo e todos os seus complementos. E quando o ensaiador diz: Atenção! um, dois, três, pernas ao ar! lá vai esse conjunto delicioso ritmado como o mais belo friso helénico, equilibrado e sugestivo muito mais talvez do que os lancinantes gritos dos ensurdecedores «jazzs», que os sublinham como um traço, um traço negro de mau gosto que eu sempre entendi que não era preciso.

As pernas, os braços, os laços dos sapatos, essa sinfonia de linhas novas que o cinema nos dava, era suficientemente completa para precisar de traçados.

Falta ainda que o cinema nos dê um filme inteiro em que as mãos, os pés e as pernas estejam e apareçam em grande plano, mais ainda: que desempenhem o papel principal. Estou certo de que não estará longe a época. E por estar certo disso, é que aqui fica esta crónica ligeira, em ar de profecia, mas profecia realizável e possível.

TAVARES FERNANDES

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

No ano de 1313 (um número cheio de preságios!) achava-se em Paris o negociante florentino Boccaccio, de cujos amores com uma linda viuvinha nasceu um filho a que o florentino deu o nome de Giovanni Boccaccio. Terminados os seus negócios em Paris, regressou à Itália com o filho, que então já contava dez anos, e foi-se estabelecer em Certaldo com o firme propósito de fazer do jovem Giovanni um excelente comerciante. Breve, porém, teve que abandonar esses planos, em vista do gênio irrequieto do rapaz, gênio que herdara naturalmente de sua mãe e que agora o levava a preferir a leitura de romances aos lançamentos de contas nos livros brancos do mestre seu pai. Convencido de que o filho nunca chegaria a ser um bom comerciante, mandaram-no para Nápoles, onde devia dedicar-se ao estudo da jurisprudência. Nápoles, porém, era, nesse tempo, uma cidade bem perigosa para o espírito volúvel de um rapaz como Giovanni. A Corte de Roberto de Anjou era então um cenáculo de intrigas, de política e de amor e um verdadeiro estado livre de todas as Musas. Em Petrarca, que nesse tempo vivia em Nápoles, encontrou Giovanni Boccaccio um protetor e amigo. Não admira, pois, que o jovem, dotado pela natureza, com todos os atractivos da inteligência e da sedução, e auxiliado pelo pai com bons empenhos e fartas mesadas, não admira, dizíamos, que ele encontrasse na sociedade napolitana uma posição que muito em breve devia abrir-lhe as portas da corte. Uma vez no Paço deparou-se-lhe a felicidade, na pessoa da bela Maria, uma filha natural do rei Roberto. E assim como Dante tinha a sua Beatriz, e Petrarca a sua Laura, também Boccaccio teve a sua Maria, que nesse tempo era casada com um fidalgo da cidade. Foi em 27 de Março de 1334 que ele a viu pela primeira vez na missa da igreja de S. Lourenço. Durante quinze anos, a figura de Maria Fiammeta passou pelas obras do escritor Boccaccio. No seu primeiro livro «Filocolo» aparece-nos ela com o nome de Biancafiore, no «Ameto» chama-se Fiammeta, e no «Troilus» dá-lhe o nome de Cressida.

Maria Fiammeta sentia forte afeição pelo seu admirador Boccaccio, e lia as suas obras como se fossem cartas de amor, até que na «Elegia da Dona Fiammeta» constatou com anárgura, que o seu sonho de amor começava a dissipar-se. Giovanni que, entretanto, passara os ardores da mocidade, foi oferecer os seus serviços à república de Florença, que ele considerava sua cidade natal, apesar que Certaldo, pequena cidade do interior, reclamava para si o privilégio de ter sido berço do notável escritor, muito embora só tivesse passado aí os primeiros anos da infância. Ao serviço da República de Florença esteve, como seu embaixador, na corte dos Papas de Avignon, no Tirol, e até na Alemanha.

Vejamos agora o que a posteridade fez deste homem que se notabilizou como poeta, patriota, diplomata e percursor da grande época cultural da renascença italiana. Actualmente, raras são as pessoas que sabem os grandes serviços que Boccaccio prestou como propagandista da obra de Dante, entre o seu povo. As suas obras, tão discutidas, sobre os clássicos e a mitologia da antiga Roma, estão votadas ao esquecimento mais completo. Os seus escritos polémicos, repassados de espírito romano e em que ele ataca os tiranos, a dissolução de costumes, a falta de patriotismo, o Papado e a hipocrisia clerical, etc. é raro virem mencionados em obras sobre literatura. Por causa das suas antologias sobre geografia dos antigos e sobre as mulheres mais célebres da história, etc., houve que o acusasse de plagiato. Os seus romances e elegias só se conhecem talvez pelos títulos, mas ninguém os lê.

A única obra de Boccaccio que a literatura mundial consagrou e que todos conhecem, é o «Decamerone», uma colectânea de contos e historietas que lhe contaram ou que ele inventou! Este livro em que se nota um erotismo que a época exigia e que de resto se reconhe-



GIOVANNI BOCCACCIO

O AUTOR DAS MAIS CÉLEBRES NOVELAS GALANTES, EVOCADO NUM FILME

ce também nas obras dos novelistas alemães da Idade Média, distingue-se por um humorismo saudável e pela moral que os seus sarcasmos e as suas sátiras encerram. Boccaccio levou dez anos a escrever este livro. O seu aparecimento, em 1471, levantou os protestos do clero e dos moralistas, obrigando em várias edições a amenizar o estilo. Pois é a este livro que Boccaccio deve a sua celebridade, não como «príncipe dos prosadores italianos» da sua época nem pela arte de contar e pela beleza de estilo, mas sim como autor de novelas galantes! Que ingrato destino o deste homem, que Petrarca honrara com a sua amizade!

Nunca houve um escritor que lhe dedicasse uma biografia e nunca os imitadores e plagiários do grande novelista

pensaram em exarar um testemunho de gratidão. Nos tempos modernos, nem mesmo a cinematografia se ocupou dele, e foi portanto para obviar esta falta que os dois argumentistas Dr. Forster e Buri erariam de colaboração com o compositor Franz Doelle uma nova e grandiosa cine-opera que tem o título de «Boccaccio» e que Max Pfeiffer realizou.

A estreia, marcada para muito breve, será a consagração do escritor que morreu em Florença em 1375 e que a posteridade talvez só agora começará a compreender e a respeitar.

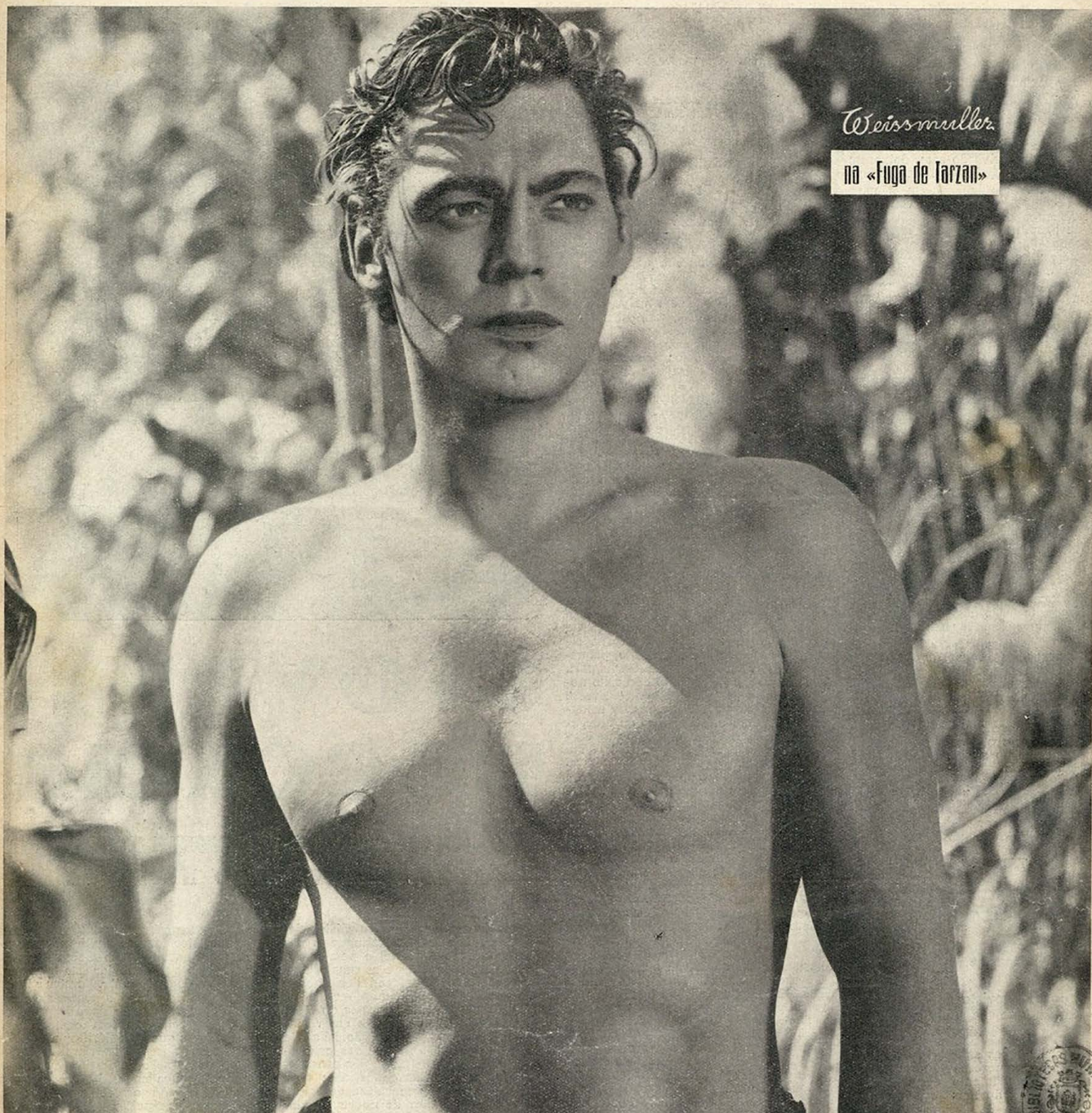
Bertim, Junho de 1936.

M. B. DE SANTOS E SILVA

(Exclusivo para Cine-Jornal)

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 36 — 22 DE JUNHO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Weissmüller

na «Fuga de Tarzan»



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA